

# ***Disciplinando os corpos: como a mídia nos ensina sobre o prolongamento da vida na sociedade atual***

FERNANDA IZIDRO BALESTRO<sup>1</sup>  
SUE ELLEN TATSCH DA SILVA<sup>2</sup>  
CRISTIANNE MARIA FAMER ROCHA<sup>3</sup>

## **RESUMO**

*Este texto, decorrente de um projeto de pesquisa<sup>4</sup>, objetiva analisar a produtividade dos discursos veiculados na Revista Veja, em 2005, sobre os diferentes dispositivos utilizados para o prolongamento ad infinitum da vida na atual sociedade. A intenção é descrever e buscar compreender os processos pelos quais nos tornamos sujeitos de um determinado processo de objetivação que nos informa o quanto as novas tecnologias revolucionam nossos modos de vida e nossos corpos para que, a partir disto, possamos viver com maior qualidade e de forma mais duradoura nossas vidas. As promessas são muitas e analisar a (des)continuidade temporal destes discursos nos permite, talvez, reconhecer, no todo e na repetição, a multiplicidade e a instabilidade dos mesmos, as ênfases e os recursos utilizados, além das possíveis relações com outros discursos que circulam e fortalecem a necessidade de vivermos em uma sociedade de controle.*

**Palavras-chave:** *mídia impressa, corpo, discursos, revista Veja, novas tecnologias.*

---

<sup>1</sup>Ex-aluna do Curso de Comunicação Social/Ulbra, Bolsista PROICT/ULBRA

<sup>2</sup>Acadêmica de Comunicação Social/Ulbra. Acadêmica voluntária PROICT/ULBRA

<sup>3</sup>Professora/Orientadora do Curso de Comunicação Social/ULBRA e PPG em Educação/ULBRA.(cristianne.rocha@terra.com.br)

<sup>4</sup>Trata-se do Projeto de Pesquisa intitulado: "Disciplinando os Corpos: Como a mídia nos ensina sobre o prolongamento da vida na sociedade de controle", desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU/ULBRA), sob orientação da Profa. Dra. Cristianne Maria Famer Rocha, desde agosto de 2006

## ABSTRACT

*This text, part of a research project, aims to analyze the productivity in discourses published in *Veja* (a weekly magazine of national circulation), in 2005, about different devices used to prolong life *ad infinitum* in the current society. The intention is to describe and try to comprehend the processes in which we become subjects of a determined process of objectivation that inform us how new technologies revolutionize our lives and our bodies, so we can live with more quality and in a more durable way. There are many promises and analyze the time (dis)continuity of these discourses perhaps will allow us to recognize, in the whole and in the repetition, our multiplicity and instability, the emphasis and the used resources, plus the possible relations with other discourses that circulate and corroborate the necessity of living in a society of control.*

**Keywords:** *press media, body, discourses, *Veja Magazine*, new technologies.*

## INTRODUÇÃO

Entre as tecnologias que transformarão a vida na próxima década, estão algumas que prometem diagnósticos mais precisos, remédios mais baratos e próteses que respondem ao comando do cérebro. (*Veja*, jul.2005, p.46)

Na sociedade atual, são inúmeros os recursos e mecanismos (predominantemente de ordem tecnológica) constantemente oferecidos e disponibilizados no “mercado” para, segundo aqueles que os produzem, deixarem nossas vidas mais duradouras. A mídia, por sua vez, tem sido pródi-ga em veicular mensagens que informam sobre as inúmeras vantagens relacionadas à introdução das “novas” tecnologias em nossas vidas. Além disto, ela nos abastece de discursos (textos e imagens), os mais variados possíveis, sobre as vantagens relacionadas ao prolongamento da existência de nossos corpos e, por consequência, de nossas vidas.

Sant’anna (2001, p.69) nos alerta sobre as sujeições a que estamos sendo continuamente expostos, sem maiores questionamentos:

(...) a publicidade não cessou de prometer um poder inédito de transfiguração: pode-se passar o inverno bronzeado, che-

gar aos cinqüenta anos com o rosto de quarenta e adquirir a aparência ideal para cada circunstância.

Na área da saúde, as buscas por soluções que prolonguem a vida estão em constante publicização. Em geral, são inovações que “revolucionarão” os mais diferentes campos do conhecimento e nos darão a possibilidade de viver, em menor tempo e independente do espaço físico existente, as maravilhas que nos dizem existir em função da presença de computadores, vídeos, telefones digitais ou *chips*. São tantas as facilidades oferecidas, nos mais diferentes campos de saberes e práticas, que a hiper-necessidade e a hiper-facilidade que representam, enfatizadas pelos discursos circulantes, podem ser apenas uma plausível justificativa para a introdução contínua (e sem maiores resistências) de uma outra lógica discursiva. Afinal, como afirma Le Breton (2003),

O corpo é visto por alguns entusiastas das novas tecnologias como um vestígio indigno fadado a desaparecer em breve. (...) Conectados ao ciberespaço, os corpos se dissolvem (...) [e] o cibernauta abandona a prisão do corpo e entra num mundo de sensações digitais (...). O corpo ele-

trônico atinge a perfeição, imune à doença, à morte, à deficiência física. Ele representa o paraíso na terra, um mundo sem a espessura da carne. (p.123-124)

Lemos (2002), por sua vez, relata que o corpo, na atualidade, funde-se gradualmente com as novas tecnologias, tornando-se um híbrido, um campo de intervenções artificiais como a cirurgia plástica, a engenharia genética, as nanotecnologias. Da mesma forma, Sant'ana (2001) diz que há tecnologias que permitem ao cirurgião repetir sua operação sobre o modelo numérico do paciente "exatamente como se ele estivesse num simulador de vôo" (p.40). Além disso, a humanidade parece caminhar para uma *cibervida*, ou seja, uma vida virtual em que nossas experiências e vivências parecem ser cada vez mais significativas - apenas e tão somente - no mundo virtual.

São considerações como as acima proferidas que nos incitaram a analisar a produtividade discursiva das reportagens veiculadas em uma revista de notícias de circulação nacional (a Revista *Veja*), ao longo do ano de 2005, no que diz respeito aos diversos dispositivos e mecanismos utilizados para o prolongamento da vida na sociedade atual. A intenção é descrever e buscar compreender os processos pelos quais nos tornamos sujeitos de um determinado processo de objetivação.

Afinal, é preciso compreender até que ponto a mídia (neste caso, a imprensa) está subjetivando os seus leitores no que diz respeito aos dispositivos que postergam a vida. Está ela apenas informando sobre as novas tecnologias? Formando opiniões com seus discursos sobre o assunto? Ou determinando

nossos modos de agir, ao sugerir a condução de nossas vidas com vistas a uma longa velhice?

## MATERIAL E MÉTODOS

A fim de analisar a produtividade discursiva das reportagens veiculadas na Revista *Veja*, em relação aos diversos dispositivos utilizados para o prolongamento da vida na sociedade atual, buscamos em Fischer (1997) inspiração para

descrever como se constrói a comunicação didática com sujeito-receptor, através de uma certa sintaxe - estruturação de texto, seleção e encadeamento de imagens, sons, pausas, palavras, trilha sonora e assim por diante. (p. 63)

Partindo-se do pressuposto que os meios de informação e comunicação constroem significados e atuam decisivamente na formação dos sujeitos (FISCHER, 1997), buscamos analisar as reportagens previamente selecionadas (aquelas que traziam, em seus textos ou imagens, temáticas relacionadas às novas tecnologias e ao prolongamento da vida), fazendo uso dos *Operadores discursivos da mídia impressa*, que são colocados em funcionamento, segundo Rocha (2005), a partir de quatro regras:

*Regra das localizações:*

As reportagens ocupam lugares estratégicos nas revistas (ser matéria ou chamada de capa<sup>5</sup>; estar em uma ou outra seção; estar no início ou no final da revista; ocupar uma página inteira ou mais páginas

<sup>5</sup> A chamada de capa é uma manchete de uma reportagem na capa, mas não se constitui matéria de capa da revista. Portanto, uma capa tem, em geral, uma matéria de capa

e, eventualmente, uma ou mais chamadas sobre outros temas de importância que se encontram publicadas na revista (Rocha, 2005).

etc) e tal localização, em geral, indica a importância e o destaque que a matéria recebe ou não. Além disso, as reportagens ocupam também lugares específicos nas páginas (página inteira, meia página, parte superior, parte inferior, entre outras).

#### *Regra das repetições:*

Os temas apresentados, por vezes, se repetem, em frequências variadas e nas mais diferentes condições (desde a repetição praticamente “literal” de uma reportagem até as repetições em que o tema é apresentado com a utilização de argumentos contrários ao que já foi publicado).

#### *Regra das ênfases:*

É uma parte do “como” dos textos veiculados, ou seja, quais aspectos (no campo das idéias) as reportagens ressaltam, evidenciam, consideram. Apesar da pretensa “neutralidade informativa”, os textos publicados indicam as tomadas de posição das revistas, às vezes através do uso de palavras ou expressões (de cunho positivo/negativo, depreciativo/entusiasmado), outras vezes são os próprios argumentos – dados e fatos – que indicam as posições assumidas (favoráveis ou contrárias). É também na utilização constante de números, dados, gráficos, tabelas, percentagens nas reportagens – e que procuram fortalecer os argumentos utilizados na defesa de algumas “verdades”. Além disso, um outro fator a ser considerado na análise é o “autor” das informações publicadas (em geral especialistas em determinada área do conhecimento).

#### *Regra dos recursos:*

É a outra parte do “como”, isto é, quais re-

ursos gráficos são utilizados nas matérias publicadas (uso de imagens, cores, fotografias, tipos e tamanhos e letras etc). No entanto, não foram analisadas em específico as particularidades destes recursos, em especial as relativas a ângulos, planos e enquadramentos. As mesmas foram observadas como parte dos discursos enunciados pela mídia. Para esta análise, o “texto escrito” é visto como o elemento articulador de verdades e é a partir dele que os outros elementos - incluindo o “texto visual” – foram analisados. (p.150-152)

Ao organizar, definir, selecionar e mostrar uma linha discursiva, a mídia (neste caso, a imprensa) utiliza tais regras com a finalidade de produzir verdades que, de algum modo, regulam e regem nossos comportamentos e modos de agir e ser no mundo. Como afirmou Rocha (2005):

As revistas são artefatos culturais e pedagógicos (...) que englobam a produção e a circulação de saberes, onde jogos de poder estabelecem determinados modos de ser que, graças às operações estratégicas que utilizam, passam a ser vistos como os únicos (e verdadeiros) possíveis. (p.148-149)

A produtividade discursiva da mídia impressa também pode ser discutida a partir da análise de uma estratégia frequentemente utilizada: falar de uma realidade particular totalizando-a. E, neste procedimento, ao retratar ou descrever situações particulares como se fossem gerais (iguais para todos), faz com que (ou permite que) seus leitores, de alguma maneira, se reconheçam em tais histórias. É este “processo de reconhecimento” que permite com que os leitores se sintam identificados, compreendidos e, por assim dizer, sujeitos das histórias relatadas. O discurso circulante, portanto, em sua “objetiva” descrição dos fatos, seduz e sujeita.

As revistas semanais utilizam esse recurso de forma incisiva e contínua. De acordo com Rocha (2005), “a periodicidade semanal, o formato, os recursos utilizados e o público a quem se destinam contribuem para que elas alcancem este duplo objetivo: totalizar para convencer” (p.179).

Um recurso muito utilizado pelas revistas é a freqüente utilização das imagens que, tão fortes quanto o texto escrito, sujeitam aqueles que, com ela, se relacionam, na medida em que:

[os] discursos que “fazem sentido” servem de uma estratégia pedagógica, de sedução e ao mesmo tempo de controle, adquirindo visibilidade em cada imagem capturada pelas câmeras, a cada seqüência editada, sonorizada, veiculada e recebida. (FISCHER, 1997, p.73)

Ao divulgar, espetacularizar ou até banalizar o uso de novas tecnologias para o prolongamento da vida, a mídia atribui valores e sentidos que, ao serem lidos, informam sobre, mas também induzem a adoção de determinadas práticas e criam conceitos persuasivos que nos fazem acreditar em algumas verdades e ignorar outras.

Analisar, portanto, a quantidade e a “qualidade” dos discursos veiculados na *Veja*, em relação às temáticas escolhidas, certamente nos permitirá compreender alguns dos mecanismos de sujeição a que estamos sendo continuamente submetidos. Afinal, neste processo de produção de verdades e de sujeitos, os discursos proferidos são extremamente úteis para informar, formar ou “deformar” os leitores em relação às vantagens das novas tecnologias em nossas vidas. Pois, se não podemos viver sem elas, talvez seja importante buscar compreender como elas são descritas e apresentadas, a fim de que possamos viver com maior qualidade (e não somente com maior quantidade) nossas vidas.

## RESULTADOS

Foram pesquisados, ao longo de 2005, 52 exemplares da Revista *Veja*. Nestes, foram selecionadas para análise 98 reportagens que abordaram temáticas relacionadas às novas tecnologias, ao corpo e ao prolongamento da vida, como mostra a Figura 1.

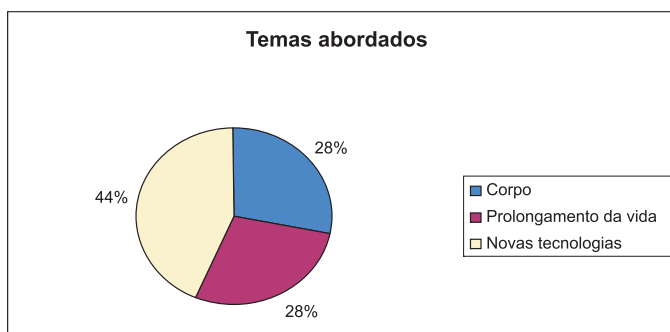


Figura 1 - Temas em destaque nas reportagens

De acordo com as quatro regras antes citadas, apresentamos a seguir os resultados mais significativos encontrados:

### Regra dos recursos

A utilização de imagens (em geral, fo-

tografias, infográficos ou quadros demonstrativos com dados estatísticos) foi bastante frequente nas reportagens selecionadas (95% das reportagens tiveram ao menos uma imagem em destaque), conforme a Figura 2.

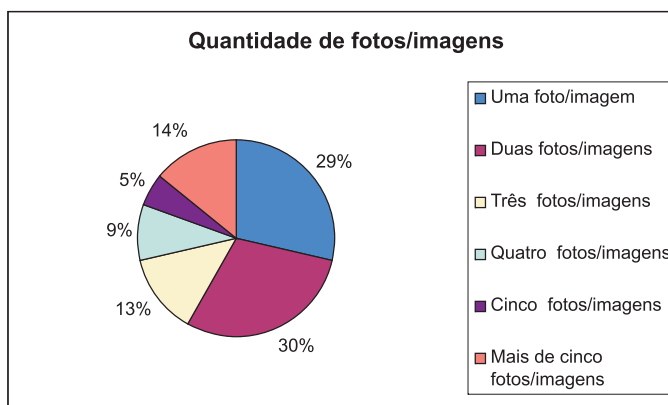


Figura 2 - Presença de fotos, imagens, gráficos, ilustrações nas reportagens.

### Regra das localizações

A Figura 3 mostra que as reportagens selecionadas se apresentaram em maior número nas Seções *Guia*, *Medicina*, *Tecnologia/Internet* e *Saúde*.

Foi analisada, ainda, a extensão das reportagens selecionadas dentro das temáticas propostas. A maior parte delas (64%) ocupou uma ou duas páginas, conforme o Gráfico 4.

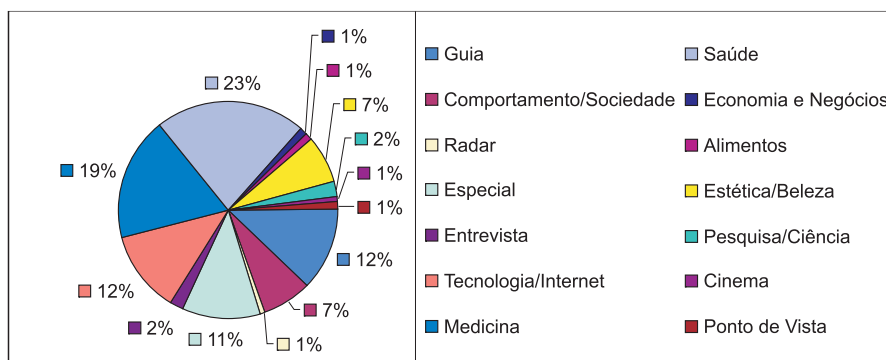
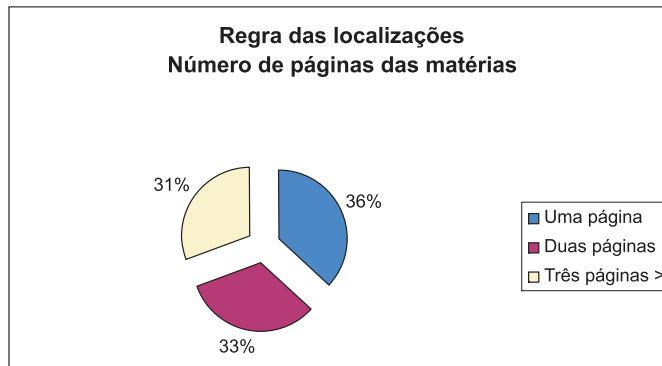


Figura 3 - Regra das localizações/seções das matérias.



**Figura 4** - Números de páginas das matérias.

### Regra das repetições

Embora as reportagens se apresentem, em geral, nas seções relacionadas à temática da saúde e das novas tecnologias (*Medicina, Saúde, Tecnologia etc*), a própria diversidade dos assuntos tratados é um forte indício da constante repetição destas temáticas na revista analisada. Como exemplo, citamos a reportagem com a entrevista de James Watson, cientista genético, nas páginas amarelas (primeira seção da Revista *Veja*). A matéria traz como título *O radical da genética. Um dos cientistas que descobriram a estrutura do DNA diz que não deve haver restrição nenhuma à pesquisa com genes* (*Veja*, 24 ago. 2005, p.11) e uma das afirmações do entrevistado (a seguir), relevante para as discussões aqui pretendidas, ganhou destaque em um “olho”<sup>6</sup> da matéria:

Se um dia pudermos mudar os genes para que as crianças fiquem mais bonitas ou inteligentes, não vejo por que não fazê-lo. (*Veja*, 24 ago. 2005, p.11)

Outro exemplo de reportagem fora das seções “típicas”, por assim dizer, para as temáticas analisadas é aquela intitulada *Um terrível mundo novo*, na seção *Cinema*, que trata de assuntos referentes a filmes de novas tecnologias e ciberespaço, mas fazendo um constante paralelo ao mundo real, tal como pode-se ver no fragmento de texto abaixo:

*A Ilha* tem muitos defeitos e uma idéia sólida: a de que o homem já virou uma mercadoria genética (...) uma história passada no futuro próximo de 2019, na qual se lida com uma idéia que vem migrando com urgência da ficção científica para a esfera do dia-a-dia – a idéia do pós-humano (...). Em *A.I. – Inteligência Artificial*, (...) o menino-robô David é indistinguível, na aparência e na alma, de uma criança verdadeira, mas nunca será amado como tal (...). A ciência está muito longe de criar uma inteligência artificial tão verossímil quanto David, mas muito

<sup>6</sup> Olho, na linguagem jornalística impressa, quer dizer uma espécie de “box” ou quadro, com uma citação dita pelo entrevistado e que merece destaque. Geralmente alguma

frase polêmica ou contestadora. Esse recurso é muito utilizado para atrair leitores, particularmente nas revistas semanais e nos jornais diários.

perto de fazer com que a questão levantada por A.I. se aplique aos próprios homens (...). Os avanços em áreas como clonagem e a manipulação genética estão prestes a desencadear uma revolução no conceito de natureza humana (...) o supermercado genético não é mais uma miragem. Ele está aberto, e as filas já estão se formando. (Veja, 3 ago, 2005, p.122-123)

As diferentes abordagens em que aparece, nas reportagens, a temática das novas tecnologias nos leva a crer que elas foram - e continuam sendo - criadas a partir de determinadas necessidades, de determinadas demandas sociais. No entanto, estando inseridas no mercado (e o seu uso insistentemente incentivado pela mídia), os caminhos tomados por elas passam a ser os mais imprevisíveis. Conforme lembra Rocha (2005), um exemplo disto foi “a própria criação da Internet, que foi concebida como uma ferramenta restrita para a segurança de dados militares nos anos sessenta e acabou se expandindo de forma impressionante” (p.193).

### **Regra das ênfases**

No que diz respeito a esta regra, as reportagens, como mostramos a seguir, foram subdivididas em quatro grandes grupos:

#### **1) Incentivo à utilização de próteses ou de mutações genéticas:**

Uma das reportagens, *Rumo ao homem biônico* (Veja, jul.2005, p.46), apresenta as tecnologias que irão influenciar profundamente

a Medicina nos próximos anos: diagnósticos precoces e precisos, medicamentos mais baratos e próteses movimentadas pelo cérebro de seus portadores. Nesta matéria, é citado o caso de Cameron Clapp que, mais tarde, no segundo semestre do ano de 2005, renderia reportagem exclusiva, em uma outra edição da revista (neste caso, faz-se uso da regra da repetição). A segunda matéria apresenta a história de Cameron Clapp (Figura 5), que foi atropelado por um trem aos 15 anos e perdeu os membros inferiores e um membro superior. Mas, quatro anos após o acidente, graças ao implante de próteses, voltou a ter uma vida ativa:

Em quatro anos ele reaprendeu a andar, correr e manipular objetos com a ajuda de prótese de alta tecnologia (...). Durante um ano o adolescente mutilado viveu em cadeira de rodas (...). No início usou próteses pequenas para fortalecer os músculos inativos. Depois trocou por aparelhos com chips que calculam o movimento da perna e ajustam hidráulicamente os joelhos para combinarem com seu passo e piso. Para correr tem uma versão levíssima. Com extremidades de fibra de carbono: para nadar, pernas e braços mecânicos mais curtos, ambos acoplados a nadadeiras (...). “Estou limitado a atividades robóticas e gasto três vezes mais energia que um corpo normal para me movimentar. Mas a tecnologia está evoluindo e minha vida só vai melhorar”. (Veja, 9 nov. 2005, p.86-87)





Figura 5 - Vida sobre próteses (Veja, 9 nov. 2005, p.86-87)

## 2) Incentivo ao uso das inovações tecnológicas para prevenção ou tratamento:

A reportagem *Tratamento de choque contra a depressão* apresenta um novo tratamento para esta patologia, com a utilização de aparelhos de eletrochoque: um é implantado no tórax, o outro é aplicado nas têmporas e o terceiro é aplicado no crânio.

Um aparelhinho parecido com um marcapasso é implantado no tórax do paciente. Seus impulsos elétricos estimulam o nervo que influencia a região cerebral responsável pelas emoções e na qual ocorrem os processos depressivos. (Veja, 6 jul. 2005, p.98)

Outra reportagem, sobre a mesma temática (regra das repetições), intitulada *Eletricidade contra a depressão. Médicos começam a obter bons resultados no tratamento da doença com o uso da estimulação magnética*, também apresenta uma “promissora” tecnologia para o tratamento da depressão (Figura 6). A tal “nova tecnologia” parece não diferir muito da apresentada na re-

portagem anterior, mas utiliza argumentos mais convincentes:

Depressão é um mal cada vez mais comum no mundo moderno (...) até 2020 a depressão se tornará o segundo maior problema de saúde pública, perdendo apenas para as doenças do coração. A boa notícia é que uma nova e promissora técnica de tratamento contra a depressão se encontra em fase de testes inclusive no Brasil: a estimulação magnética transcraniana (EMT). A técnica consiste na aplicação de pulsações magnéticas repetitivas, produzidas por uma máquina, em uma região específica do cérebro relacionada à ocorrência da depressão (...). Na Universidade Wayne de Detroit, nos Estados Unidos, já foram obtidos resultados promissores no tratamento de vítimas de derrame com perda parcial da capacidade de fala (...). Se os estudos continuarem nesse ritmo, os pacientes depressivos podem ser os primeiros a usufruir em larga escala a nova técnica. (Veja, 21 dez. 2005, p.88-89)



Figura 7 - Eletricidade contra a depressão (Veja, 21 dez. 2005, p.88).

### 3) Incentivo à beleza e à saúde:

Neste grupo de reportagens selecionadas, são apresentadas aquelas que incentivam a utiliza-

ção das novas tecnologias para tornar-se mais bela ou para modificar o corpo, como no caso da reportagem de capa (Figura 8).



Figura 8 - Adeus ao pneuzinho (Veja, capa, 14 dez. 2005).

Nas páginas internas, a reportagem traz mais de cinco páginas, mostrando as novas estratégias - dietas, exercícios físicos e medica-

mentos - para acabar com esse “mal”, que aflixe e traz tantos problemas à saúde das mulheres: a barriga.

Está em curso uma revolução nos estudos sobre a obesidade. Mais importante do que a quantidade de gordura é o modo como ela se distribui pelo corpo. O objetivo agora é eliminar aquela “barriguinha”, nociva à estética e à saúde. (*Veja*, 14 dez. 2005, p.174)

Outro exemplo de reportagem que utiliza o argumento da “beleza e saúde a qualquer preço (ou recurso tecnológico)” é aquela cujo título é: *Injeta, amassa, estufa...e torce para dar certo*. Nela, o argumento é que:

a bioplastia, nova mania entre os tratamentos estéticos, muda para sempre. Injetar no corpo uma substância sintética pouco conhecida, sem ter certeza das evoluções futura, e nunca mais poder retirá-la, quem faria uma loucura dessas? Muita gente. A

contrapartida é o que a bioplastia, um tratamento que vem causando furor, oferece em termos de reengenharia estética a jato: nariz reto, queixo proeminente, boca carnuda, bumbum empinado e outras saliências devidamente ressaltadas, sem cirurgia nem internação, só com anestesia local, algumas agulhadas e uma rápida massagem modeladora. (*Veja*, 17 ago. 2005, p.106)

#### 4) Incentivo à longevidade:

Neste quarto e último grupo de reportagens, foi possível constatar, a partir de dos incisivos discursos publicados na *Veja*, o incentivo à quantidade dos anos de vida. Um dos exemplares apresenta, como matéria de capa, a reportagem intitulada *Serenidade até o fim*. A busca por maneiras mais humanas de enfrentar os momentos finais da vida: (Figura 9)



**Figura 9** - Serenidade até o fim (*Veja*, capa, 9 nov. 2005).

A reportagem, no total, apresentou cerca de dez páginas sobre as possibilidades para se viver um “final sereno”, com a utilização de tratamentos paliativos, em casa, que tornam a fase final da vida menos traumática e mais duradoura.

Outra reportagem desta série é aquela que apresenta as vantagens de nosso cérebro viver eternamente, independente de nossa corporeidade física:

(...) até 2050 será possível passar as informações do cérebro de qualquer pessoa para um computador, teoricamente permitindo que uma cópia dele continue funcionando depois da morte. (Veja, jul.2005, p.84)

Esta reportagem, intitulada *Nosso cérebro viverá para sempre*, apresenta a entrevista com o futurólogo da *British Telecom*, Ian Pearson, que desde a década de 1990, investiga novas tecnologias e tenta prever suas possíveis implicações para o mercado e a sociedade:

O futurólogo garantiu à *Veja* que não se trata de um delírio de cientista maluco, e sim de uma consequência natural do progresso de tecnologias hoje em estado inicial (...). “Será como um backup de seu cérebro em um computador (...). Dentro de cinquenta anos, pelo menos os mais ricos terão acesso a uma espécie de ‘imortalidade eletrônica’. Mais tarde, pode ser possível instalar esse cérebro em um andróide parecido com você e viver como se nada tivesse acontecido”. (Veja, jul.2005, p.84)

Pelo acima exposto, talvez apenas os mais ricos possam viver mais e melhor, por enquanto. Mas, a produtividade dos discursos proferidos por *Veja* (ao falar das novas tecnologias e de seu uso para o prolongamento da vida) certamente ultrapassa as mais triviais barreiras de acesso e busca, através da utilização de variados recursos, construir “verdades” e alternativas que sejam por todos nós tidas como as únicas possíveis ou as melhores existentes.

## CONCLUSÕES

Ao longo da pesquisa realizada, muitos foram os questionamentos e as reflexões possíveis, desde o nosso papel de simples consumidoras até aquele de produtoras de informações, enquanto profissionais da área da comunicação. Afinal, quem trabalha com os meios de produção e circulação de notícias jamais deve esquecer que tem em mãos o “poder” de ser lido, escutado, visto por muita gente e de, assim, poder persuadir beneficentemente ou não os demais sobre as coisas do mundo, sobre os possíveis acontecimentos, sobre como está/é a sociedade, ou como deveria estar/ser a mesma.

É nosso dever, portanto, permitir-se produzir outras e diferentes verdades sobre o mundo. Para tanto, temos que nos abastecer de informações, das mais variadas possíveis, mas não apenas absorvê-las. Pois, nessa era digital, onde estamos cada vez mais inseridos em uma lógica de facilidades e acessos infinitos, é preciso prestar maior atenção às várias armadilhas postas pelo mercado, já que muitas das informações hoje produzidas e proferidas não são apenas benéficas, como nos fazem crer.

A partir da pesquisa realizada, pôde-se perceber o quanto a mídia impressa e, aqui, particularmente, a Revista *Veja*, não apenas informa seus leitores, mas utiliza-se de estratégias ou recursos (textuais e imagéticos) convincentes para fazê-los acreditar que necessitam sempre mais das novidades tecnológicas para viverem mais e com maior qualidade suas vidas.

Ao informar, a *Veja* forma opiniões e transforma seus leitores em sujeitos de outras verdades, objetivados, informados ou seduzidos pelos discursos proferidos. No caso da pesquisa realiza-

da, as reportagens publicadas invariavelmente mostraram uma variedade de motivos e argumentos positivos relativos às inúmeras vantagens decorrentes da introdução das novas tecnologias em nossas vidas. Resta, portanto, diante disto, primeiro, buscar compreender as condições de produção das informações publicadas na revista e, segundo, discernir sua aplicação ou não no dia-a-dia, de acordo com as crenças e necessidades de cada um de nós.

## REFERÊNCIAS

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.22, n. 2, p.59-80, jul./dez. 1997.

LE BRETON, David. Adeus ao corpo. Tradução Paulo Neves. In: NOVAES, Adauto

(Org.). **O Homem-máquina**: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.123-137.

LEMOS, André. Corpo e Tecnologia. In: LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002. p.174-199.

ROCHA, Cristianne Maria Famer. **A escola na mídia**: nada fora do controle. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **Corpos de Passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

VEJA. São Paulo: Abril, 2005. (todos os exemplares).